



## **A Ontopsicologia como resposta eficiente à “Crise das ciências” de Edmund Husserl: qual reciprocidade cabe às ciências?**

Erico de Lima Azevedo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Faculdade Antonio Meneghetti –

[erico@rationalcorp.com](mailto:erico@rationalcorp.com)

Eixo Temático: Humanismo & Complexidade

**Resumo:** Em seu último trabalho, Husserl chama à responsabilidade os filósofos de seu tempo, para que as ciências pudessem se reposicionar em função da construção de uma humanidade autêntica, partindo da fundação da própria filosofia. Trata-se de uma crítica de fundamentos, para a qual outro filósofo, Antonio Meneghetti, dá uma resposta eficaz com a Ontopsicologia. Porém, como toda realização humana reflui para o “mundo-da-vida”, o florescimento da Ontopsicologia implica uma reciprocidade das ciências, as quais não podem restar indiferentes às suas descobertas e à ampliação do próprio método científico que com elas se torna possível.

**Palavras-chave:** Ontopsicologia; ciência; epistemologia; Husserl; mundo-da-vida.

### **Ontopsychology as an effective answer to Edmund Husserl’s “Crisis of sciences”: what reciprocity is due to sciences?**

**Abstract:** In his last work, Husserl calls philosophers of his time to a responsibility: repositioning sciences in order to achieve an authentic humanity, starting from the foundation of philosophy itself. It is a crisis of foundations, for which, another philosopher, Antonio Meneghetti, provides an effective answer with Ontopsychology. However, every human achievement flows back to the “life-world”, the flourishing of Ontopsychology implies a reciprocity of sciences, that should not remain indifferent to its discoveries and to and the expansion of the very scientific method that is possible with them.

**Keywords:** Ontopsychology; science; epistemology; Husserl; life-world.

## **1 Introdução**

Muitas vezes, na história da humanidade, um cientista, um filósofo, um pensador inicia um percurso, faz uma provocação ou aponta uma direção, a qual é, posteriormente, levada a cabo por outros que vêm depois dele. Só essa constatação de fatos já deveria bastar para nos fazer pensar a força que a noção de “intencionalidade” comporta na experiência humana.

Prosseguindo pelo fio condutor da intencionalidade, chegaremos rapidamente às questões fundamentais que uma humanidade autêntica não pode deixar de se colocar. Refiro-me às questões que em filosofia se chamam questões da razão e que atravessaram milênios até hoje: o problema do critério da ação ética, do sentido ou não-sentido da vida, da possibilidade ou não do conhecimento, da generatividade, etc. Todas essas questões motivam a vida



daqueles que se sentem “responsabilizados” por elas. O filósofo é, por assim dizer, tocado, atraído, identificado por essas questões e não pode restar indiferente a elas.

Tendo em mente esse pano de fundo, como enquadrar a Ontopsicologia no cenário das ciências? Quais responsabilidades ela toma para si? E, mais ainda, uma vez que ela passa a integrar o patrimônio científico da humanidade, qual reciprocidade é devida pelas ciências?

Em seu último trabalho, Husserl chama à responsabilidade os filósofos de seu tempo, para que as ciências pudessem se reposicionar em função da construção de uma humanidade autêntica, partindo da fundação da própria filosofia. Trata-se de uma crítica de fundamentos, para a qual outro filósofo, Antonio Meneghetti, dá uma resposta eficaz com a Ontopsicologia. Ao mesmo tempo, porém, como toda realização humana refluí para o “mundo-da-vida”, o florescimento da Ontopsicologia implica uma reciprocidade das ciências, as quais não podem restar indiferentes às suas descobertas, e à renovação e ampliação do próprio método científico que com elas se torna possível.

## 2 Por que para Husserl há uma “crise das ciências”?

Um dos motivos principais pelos quais, em uma primeira leitura, as ideias da “Crise” podem restar incompreensíveis é, sem sombra de dúvida, a não compreensão do que Husserl entende exatamente por “ciência” e, particularmente, por “ciência rigorosa”.

A pergunta que Husserl se coloca, e que serve de pano de fundo para sua última grande obra, é: a ideia clássica de ciência, a ideia de ciência que nasce no mundo grego – com Aristóteles, Platão etc. – e que atravessou milênios, é possível?

Em seu texto de 1911, “A filosofia como ciência rigorosa”<sup>1</sup> (Hu XXV), já se encontram dispostos os elementos para compreender a sua noção de ciência. Em particular, quando cita Rudolph Hermann Lotze<sup>2</sup>, filósofo alemão do século XIX, que afirmava: “calcular o curso do mundo não significa compreendê-lo”. Essa compreensão, à qual Lotze chama a atenção, é para Husserl o compreender filosófico que deve desvelar os enigmas do mundo e da vida, a compreensão transcendental (Hu XXV).

---

<sup>1</sup> Nas citações das obras de Edmund Husserl utiliza-se a sigla “Hu” para “Husserl” e um número romano para a respectiva obra, conforme à “Husserliana: Edmund Husserl Gesammelte Werke” (Husserl Archives – Leuven), <http://hiw.kuleuven.be/hiw/eng/husserl/Husserliana.php>

<sup>2</sup> 1817-1881.



Husserl defende a ideia de que as ciências devam superar essencialmente dois preconceitos: 1) aquele com relação às ideias de outros pensadores – visto que, de fato, boa parte do trabalho realizado pelos cientistas resulta do usufruto de resultados atingidos por outros cientistas, e não de intuições diretas próprias – e 2) o preconceito dos fatos, para que não reste prisioneira de métodos indiretos de matematização e simbolização. (Hu XXV)

Verificar-se-ia um grande progresso nas ciências, caso se reconhecesse e recuperasse o enorme valor da intuição direta, que é, para ele, sinônimo de apreensão fenomenológica da essência (LEVINAS, 1963). Há aqui um campo infinito de pesquisa por realizar, uma ciência de novo tipo, a qual, embora não faça uso dos métodos indiretos de matematização e simbolização, pode obter conhecimentos autenticamente rigorosos (Hu XXV). A função da filosofia, como ciência dos fundamentos últimos, é dar rigor científico à evidência, sendo esta o fundamento para, depois, poder fazer ciência: matemática, lógica, física etc. A carência desse fundamento último, ou seja, a ausência de um método verdadeiramente intuitivo – que atinja metodicamente a evidência originária – e, por outro lado, a hiper-presença de métodos indiretos – matematização e simbolização – provoca uma espécie de “atrofia” da ciência, que resta prisioneira do preconceito dos fatos. As ciências naturais objetivas não tematizam o ser da natureza e, portanto, o seu saber não equivale a um conhecimento verdadeiramente definitivo, a uma “explicação da natureza”. A possibilidade de deduzir, induzir e prever requer uma ulterior explicação e fundamentação (Hu VI, p. 193).

Partindo dessa perspectiva, Husserl considera que as teorias são pouco mais do que máquinas computacionais acompanhadas apenas de um mínimo de *insight* racional que os gregos honraram com o nome de teoria<sup>3</sup> (KOCKELMANS *et al*, 1970). A racionalidade técnica das ciências relativa e unilateral deixa o outro lado [a intuição] na completa irracionalidade. (Hu XVII, p. 15)

A reação natural a tais afirmações não poderia ser outra que de surpresa e, também compreensivelmente, de indignação, visto que as ciências obtêm, notoriamente, contínuos sucessos. Husserl não quer, de fato, desvalorizar a grandeza dos gênios criativos que operaram no âmbito na atitude natural, nem tampouco desmerecer a própria atitude natural (Hu VI, p. 193), na qual operam as ciências exatas e objetivas. O método das ciências deve

---

<sup>3</sup> Do grego θεός (*téos*) = deus, mente criadora, real; οραω (*oráo*) = eu vejo. Visão do projeto do ponto-de-vista da mente criadora. Em Ontopsicologia, prefere-se a expressão “visão ôntica”, que é a correspondência reversível entre o modo do ser (real) e o modo psíquico (visão, pensamento, consciência). MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 1998.



recuperar, para sua própria completude, a intuição direta, pois, por outro lado, a exclusão da compreensão transcendental decapita, por assim dizer, as ciências da possibilidade de uma verdadeira compreensão e explicação de seus objetos de estudo. Eliminada a compreensão transcendental, não se pode atingir uma verdadeira compreensão dos fenômenos do mundo e do próprio ser humano. Elaboram-se leis, mas não se compreende a motivação dessas leis:

Esses cientistas (...) vêem a correspondência de alguns efeitos, mas não sabem a motivação dessas leis. Isso é demonstrado pelo fato de que o homem organiza algumas hipóteses que, em seguida, define como leis, porque fazem parte daquele contínuo cotidiano no qual a natureza acontece. Porém, depois é ausente do ponto fundamental do seu viver e, tranquilamente, passa a definir “mistério”, onde ele é concretamente vivente (MENEGETTI, 2010, p. 107).

A filosofia e a ciência são marcadas justamente pelo pressuposto de um mundo “verdadeiro em si” e, por isso, o conceito de uma ciência *a priori* em sentido tradicional não poderia gozar da dignidade de uma real evidência, “uma visão intelectual essencial atinente a uma datitude direta (uma intuição)”, embora elas atribuam-se esse direito (Hu VI, p. 177).

São indicadores dessa “atrofia”, para Husserl, o fato de que as ciências tenham perdido o seu sentido para a vida. Acusa-se a dificuldade da pesquisa, a insuficiência e a imprecisão dos instrumentos de medida, mas os problemas de uma autêntica humanidade, os assim chamados problemas da razão, restam à margem da ciência.

Husserl toma como ponto de partida o significado que a revolução positivista, ocorrida no final do século XIX, teve para a humanidade, a qual, por um lado trouxe uma notável *prosperity*, mas que por outro distanciou a humanidade dos problemas que, para ele, são justamente aqueles que caracterizam uma humanidade autêntica:

As meras ciências de fatos criam meros homens de fatos. A revolução da atitude geral do público foi inevitável, especialmente após a guerra, e sabemos que na mais recente geração ela se transformou até mesmo em um estado de ânimo hostil. Na miséria da nossa vida – ouve-se dizer – esta ciência não tem nada a nos dizer. Ela exclui por seu próprio princípio aqueles problemas que são os mais pungentes para o homem, o qual, nos nossos tempos atormentados, sente-se à mercê do destino; os problemas do sentido ou não-sentido da existência humana como um todo (Hu VI, p. 4).

A ciência do nosso tempo nada tem a dizer sobre os problemas tipicamente humanos, pois ela abstrai justamente de qualquer forma de subjetividade. Tal é também o caso das assim chamadas ciências do espírito (*Geistwissenschaften*), nas quais, para que haja uma



rigorosa cientificidade, faz-se necessário evitar qualquer tomada de posição subjetiva. Essa e não outra é a perda de sentido das ciências para a vida. Para Husserl, a humanidade européia, em um certo sentido, está doente e cabe à filosofia abrir o percurso pelo qual se chegou a esse estado de coisas, mas também recuperar o sentido que nos torna verdadeiramente humanos.

De todo modo, a ciência deve ser capaz de compreender a vida, o mundo e o homem e esse elemento possui uma surpreendente correspondência com a proposição 6.52 do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein, o qual foi publicado, como se sabe, anos antes da “Crise”: “Sentimos que, ainda que todas as possíveis questões da ciência recebam resposta, os problemas da nossa vida não foram nem mesmo tocados” (WITTGENSTEIN, 1921, p.110).

Sob este ângulo, pode-se afirmar que as ciências como um todo, e não apenas a filosofia ou a psicologia, encontram-se em crise. Trata-se, para James Dodd: “[de um] sentimento de fracasso, advertido no íntimo de qualquer cientista e que pode ser representado por meio da seguinte pergunta: que tipo de humanidade a nossa ciência está produzindo?” (DODD, 2004, p. 29).

### 3 Qual a responsabilidade do filósofo na “crise”?

Husserl expõe claramente seus propósitos no parágrafo 7º da “Crise”, exortando os filósofos à responsabilidade pelo retorno ao “problema da fundação da filosofia”:

...vimos aqui apenas para escutar uma prolusão acadêmica? Podemos retornar tranquilamente ao trabalho que interrompemos, aos nossos *problemas filosóficos*, à construção da nossa própria filosofia? Podemos seriamente fazê-lo após termos descoberto com certeza que a nossa filosofia, como aquela de todos os filósofos presentes e passados, não terá mais que a efêmera existência de uma jornada no âmbito da flora filosófica que sempre de novo se renova e que depois torna a despetalar-se? (Hu VI, p. 15).

O filósofo é um “funcionário da humanidade” e tem a responsabilidade de explicitar o verdadeiro ser da humanidade, o qual deve orientar-se a um *télos*, por meio da filosofia. Para Dodd, Husserl quer provocar os filósofos à responsabilidade em relação à crise das ciências. Não se trataria de uma análise destacada, descomprometida, estritamente acadêmica, mas algo que toca o íntimo dos filósofos enquanto tais. Em outras palavras: “*se somos verdadeiros filósofos, devemos nos importar com o fato de que justo a filosofia careça de fundamento*” (DODD, 2004, p. 13).



### 4 Qual a tarefa da Ontopsicologia?

Para realizar a tarefa da fundação da filosofia, e com isso de todas as ciências, Husserl afirma a necessidade de uma consideração crítica da finalidade e do método da própria filosofia. Essa consideração requer uma atitude radicalmente cética – requer uma *epoché* radical, mas não em sentido negativo e tal via de análise conduz à fenomenologia transcendental, a qual pode ser atingida segundo algumas “vias”. A “via cartesiana”, a “via do mundo-da-vida” e a “via da psicologia”. Em todas elas, o objetivo é atingir metodicamente o fundamento último da constituição do fenômeno “mundo” e este fundamento, para Husserl, não pode ser outro que a subjetividade transcendental.

Ao analisar a “via da psicologia”, Husserl afirma que, a atuação desta *epoché* radical torna acessível a esfera psíquica, leva à luz o seu ser e tudo o que “está” nela, penetrando, a partir das intencionalidades externalizadas, até aquelas internas, aquelas intencionalmente constitutivas. Porém, a *epoché* é para ele apenas o início necessário a uma experiência puramente psíquica. Husserl conclui sua incursão afirmando que, até então, a psicologia jamais tenha se movido no terreno de uma verdadeira psicologia e, ao mesmo tempo, preanunciando a tarefa da qual outros pesquisadores deverão incumbir-se no futuro:

Apenas quando houver uma similar psicologia, será possível avaliar os fatos multiformes e certamente preciosos fornecidos pela psicofísica e pela psicologia que a eles se remete, avaliá-los em seu verdadeiro conteúdo psicológico, e esclarecer quais sejam, de ambos os lados, os membros da relação das regulamentações empíricas (Hu VI, p. 253).

Não obstante todas as suas análises, porém, Husserl está ciente que, em sua vazia generalidade, a *epoché* nada esclarece, posto que é “apenas o portão de entrada, além do qual abre-se o reino da pura subjetividade (*Ur-Ich*). A verdadeira descoberta é a tarefa de um trabalho concreto, um trabalho muito difícil e muito diferenciado” (Hu VI, p. 260). Ou seja, não basta afirmar que somos um só ego transcendental<sup>4</sup> e que perdemos essa evidência e, por consequência, o sentido autêntico do que seja a humanidade. Esta provocação requer uma resposta e uma demonstração e esta é precisamente a responsabilidade que o filósofo Antonio

<sup>4</sup> Cfr. §55 da “Crise”, intitulado “A retificação de princípio da primeira *epoché* por meio da redução ao *ego* absolutamente único e atuante”.



Meneghetti toma para si. Prosseguindo na pesquisa da intencionalidade, ele descobre que essa perda se dá em função de um sobreposto histórico na constituição da consciência. É preciso revisar criticamente a consciência à luz das estruturas e condutas do nosso projeto de natureza – que denomina “Em Si ôntico” – e a vida segue benéfica o seu natural percurso criativo.

O resultado desse empreendimento implica, intrinsecamente, na renovação e na ampliação da noção de “ciência”. Dito de outro modo, a Ontopsicologia é propriamente a “ciência de novo gênero” que Husserl havia anunciado em sua “Crise”, visto que ela nasce integralmente da evidência demonstrada, inicialmente, no âmbito clínico:

A teoria ontopsicológica nasce integralmente da prática clínica. Nenhuma das posições ontopsicológicas nasce de intuições, deduções, aproximações, sínteses, elaborações intelectuais de um homem de vasta cultura, ou então das experiências com outros grandes (...) Toda a teoria ontopsicológica nasce do vivo bem sucedido da experiência clínica, portanto, através de fatos realizados, e não de sugestões, livros lidos ou convicções de setor: foi o vivo de um *excursus* clínico (MENEGHETTI, 1998, p. 5) .

Posteriormente, Meneghetti verifica a validade de suas descobertas no âmbito de várias culturas, etnias, bem como amplia o raio de aplicação de seu método para todas as esferas da atuação humana: economia, arte, política, ética, estética, etc.

Como se pode concluir, a Ontopsicologia não nasce para resolver um problema específico de cura, de economia, de arte etc., mas sim como tomada de consciência sobre a crise de toda a pesquisa feita por milênios na história humana (MENEGHETTI, 2010, p. 115).

O seu fruto mais maduro é a descoberta do Em Si ôntico: um critério de natureza que dá fundamento à exatidão da subjetividade e, com maior razão, que torna possível a própria realização daquilo que denominamos “ciência”. Posto um “ponto final” na milenar dicotomia sujeito-objeto, é consequencial perguntar qual reciprocidade cabe às ciências.

## 5 Qual reciprocidade cabe às ciências?

Em termos filosóficos, a tarefa que a Ontopsicologia realiza é restituir às ciências o nexos ontológico, o nexos com o “mundo-da-vida”. Ela descreve metodicamente os critérios de uma subjetividade exata – capaz de relevar o “campo semântico” – e, portanto, praticamente,



capaz de conhecer objetivamente aquilo que uma realidade está atualmente operando, em nível energético, concreto, não obstante a validade do princípio de indeterminação de Werner Heisenberg<sup>5</sup>. Para compreender suas descobertas, em particular o *Em Si ôntico*, enquanto fundamento do conhecimento, é preciso, antes de tudo, compreender a crítica husserliana.

A Ontopsicologia preparou uma metódica específica que completa os atuais conhecimentos da avançada pesquisa sobre o conhecimento humano e permite o isolamento da intencionalidade de natureza, bem como a sua distinção de informações *standard*, que antecipam e defletem a consciência, impedindo a sua natural reversibilidade com o real.

Se podemos falar de uma crise das ciências, esta crise pode ser reduzida à crise da racionalidade humana. A Ontopsicologia é capaz de compreender e resolver esta crise e, por isso, possui um papel de ciência epistêmica, *enquanto inicia a evidenciar um princípio elementar – Em Si ôntico – que se faz critério de realidade funcional para a lógica humana*.

Em conclusão: a essência da reciprocidade que cabe às ciências é, por sua vez, uma nova tarefa, uma nova responsabilidade: através das três descobertas da Ontopsicologia, a ciência pode romper com o ciclo vicioso no qual se encontra, recuperando o nexos ontológico, o nexos com o “mundo-da-vida”, porém, é preciso evoluir o conhecimento técnico dessas três descobertas.

### Referências

DODD, J. **Crisis and Reflection**. An Essay on Husserl's Crisis of the European Sciences. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004.

HUSSERL, E. **Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie**. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie. The Hague: Martinus Nijhoff, 1976.

\_\_\_\_\_. **Logica Formale e Trascendentale**. Saggio di critica della ragione logica. Milão: Mimesis Edizioni, 2009 (trad. Guido Davide Neri).

\_\_\_\_\_. **La filosofia come scienza rigorosa**. Roma: Editora Laterza, 2005.

KOCKELMANS, JOSEPH J., KISIEL, THEODORE J. **Phenomenology and the Natural Sciences** (Northwestern University Studies in Phenomenology and Existential Philosophy). Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1970.

LEVINAS, E. **The theory of intuition in Husserl's phenomenology**. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1995 (trad. André Orianne: Théorie de l'intuition dans La phénoménologie de Husserl, Emmanuel Levinas. Paris: J.VRIN, 1963).

MENEGHETTI, A. **A psicossomática na ótica ontopsicológica**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 1998.

<sup>5</sup> Werner Heisenberg, 1901-1976, pai da física quântica moderna, Prêmio Nobel em Física em 1932.





# RESPONSABILIDADE E RECIPROCIDADE

Valores Sociais para uma Economia Sustentável

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

\_\_\_\_\_. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus lógico-philosophicus**. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1989.